

O Jogo do Tigrinho, golpes digitais e a soberania líquida

» ERICK DA ROCHA SPIEGEL SALLUM
Delegado de Polícia Civil do DF



O fenômeno conhecido como Jogo do Tigrinho tem dominado as manchetes em todo o país, especialmente devido às operações policiais, prisões e indiciamentos de influenciadores digitais por crimes, como lavagem de dinheiro, apologia ao crime, associação criminosa e contravenção de jogos de azar. Mas até onde se estende essa rede criminosa? E por que é tão difícil combater essa atividade ilícita em sua origem?

Para entender essa dinâmica, é essencial primeiramente reconhecer que o Jogo do Tigrinho não é uma marca exclusiva ou um software patenteado no Brasil. Trata-se de um aplicativo whitelabel explorado por diversos cassinos on-line. No Brasil, os jogos de azar são contravenções penais, conforme estabelecido pelo art. 50 do Decreto-Lei nº 3.688 de 1941. No entanto, sem uma regulamentação adequada e mecanismos tecnológicos repressores eficientes, os exploradores da indústria dos jogos, principalmente asiáticos, rapidamente identificaram o Brasil como um mercado promissor. Com efeito, durante a pandemia de covid-19, os cassinos on-line e as apostas esportivas proliferaram.

Em uma tentativa de conter os danos, a Medida Provisória nº 846 de 2018 abriu a primeira brecha para a legalização das apostas desportivas de empresas operando no país. Contudo, essa medida não afetou, significativamente, a ilegalidade, pois as grandes empresas de apostas continuaram operando sob a alegação de que suas sedes estavam fora do Brasil e, portanto, não estavam sujeitas à regulamentação nacional.

Essa MP foi, posteriormente, convertida na Lei nº 13.756, de 2018, que estabeleceu um prazo de dois anos, prorrogável por mais dois, para a regulamentação do setor. Em 2023, foi publicada a MP 1.182, que buscou fortalecer a regulamentação e proporcionar mais transparência aos apostadores, especialmente diante das suspeitas de manipulação de jogos.

Toda essa base normativa, contudo, nunca foi clara em relação aos cassinos on-line, tratando apenas das chamadas apostas

desportivas. Nessa perspectiva, os cassinos on-line (e aqui reside o Jogo do Tigrinho) são, tecnicamente, exploração de jogos de azar e encontram-se no mesmo patamar do jogo do bicho. Contudo, como suas sedes são em lugares onde a legislação permite, o Estado brasileiro se mantém inerte, pois a ilegalidade é do explorador do jogo — ou seja, quem aposta não comete crime. Essa situação cria uma contradição: máquinas caça-níqueis em estabelecimentos locais são reprimidas severamente, enquanto os bilionários cassinos on-line asiáticos retiram divisas do país sem qualquer consequência.

Nessa perspectiva, o que se retira numa análise maior do Jogo do Tigrinho é algo bem mais sério. A soberania do Estado, entendida como poder de fazer cumprir suas leis dentro de seu território, está sendo desafiada pela

internet, por novos arranjos de pagamento e por empresas com sedes em paraísos regulatórios.

Nesse contexto maior, é importante destacar algo que tem passado despercebido. Afinal, a sede desses cassinos on-line pode estar na Ilhas Cayman ou no Laos, mas os apostadores e o dinheiro estão no Brasil. Sendo assim, um ponto crucial e frequentemente ignorado é a questão de como o dinheiro dos apostadores brasileiros é transferido para esses cassinos internacionais.

Investigações têm demonstrado que algumas empresas de cassino on-line têm criado empresas de fachada no Brasil, passando-se por “instituições de pagamento”. Essas instituições, não sendo bancos, podem receber e transferir dinheiro sem a mesma regulamentação rígida do Banco Central do Brasil.

Aproveitando-se de brechas no sistema, estrangeiros também podem comprar empresas brasileiras pré-constituídas (as chamadas shelf companies) sem nunca terem pisado no país. Depois disso, uma shelf company pode fazer uma subcontratação com outra instituição de pagamento brasileira que tem acesso indireto ao sistema Pix e fornece a ponta tecnológica a ser disponibilizada no website do cassino on-line.

Esse mecanismo não apenas facilita o fluxo de dinheiro para fora do país, mas também alimenta novos golpes, como o uso de códigos Pix falsos para enganar as vítimas.

Se antes o imperialismo chegava às praias nacionais com caravelas e partiam cheias de riquezas, hoje o dreno é digital e gigantesamente maior. A evasão descontrolada da riqueza nacional pelos cassinos on-line e o empobrecimento da população pela exploração da impulsividade patogênica é um fator econômico-social a ser repensado. A ideia de “consumir com moderação” quando se trata de jogos é, no mínimo, uma hipocrisia que só serve aos bilionários proprietários das casas de apostas. Enquanto isso, a Polícia Judiciária tenta apagar o incêndio criado pelas próprias brechas abertas pelas falhas da fiscalização administrativa.

O papel da biomassa na desfossilização da economia

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa Agroenergia

A biomassa, material orgânico que armazena a energia do Sol, é vital nos processos naturais e está profundamente entrelaçada com a história e sustentabilidade do planeta. Sua origem está nas plantas, que capturam a energia solar e a transformam em energia química na forma de glicose, essencial para a vida, que é passada adiante para pessoas, animais e micro-organismos que consomem a matéria vegetal.

As plantas realizam a fotossíntese, usando a luz solar para capturar dióxido de carbono (CO2) da atmosfera, incorporando o carbono na biomassa e liberando oxigênio. Assim, a produção de biomassa gera dois eventos essenciais para a vida: a captura de carbono, base de toda matéria orgânica, e a liberação de oxigênio, indispensável para a respiração e a manutenção dos ecossistemas terrestres.

A biomassa foi crucial para o desenvolvimento da humanidade, fornecendo calor, alimento e materiais para a sobrevivência e o progresso. Nos primórdios da humanidade, a lenha era a principal fonte de energia, vital para cozinhar e aquecer, enquanto as fibras vegetais eram utilizadas para construir abrigos e criar ferramentas. Com o surgimento da agricultura, a biomassa se tornou ainda mais central na vida humana, na forma de alimentos produzidos em grande quantidade e diversidade.

O domínio da produção de biomassa por meio do cultivo de plantas permitiu o desenvolvimento de sociedades organizadas, que puderam se estabelecer em um lugar fixo, cultivar alimentos em abundância e criar reservas para períodos de escassez. Isso garantiu a segurança alimentar e possibilitou a especialização do trabalho, o surgimento das cidades e o desenvolvimento de tecnologias e culturas mais complexas.

A biomassa acumulada por milhões de

anos na crosta terrestre nos deu combustíveis fósseis como petróleo, carvão e gás natural, que mudaram os rumos da humanidade. A exploração do petróleo impulsionou a Revolução Industrial e deu origem ao modelo econômico atual, baseado em uma intensa utilização de energia fóssil, avanços tecnológicos e crescimento econômico sem precedentes.

O problema é que o uso massivo dessas fontes não renováveis de energia trouxe de volta para a atmosfera milhões de toneladas de carbono que estavam fixadas nas profundezas da crosta terrestre há milhões de anos, sendo a principal causa da crise climática. No entanto, um problema que tem sua origem na biomassa produzida no passado remoto pode ter sua solução facilitada pela biomassa produzida no presente, substituindo alternativas fósseis e evitando liberação de mais carbono na atmosfera.

A substituição de recursos fósseis originados de biomassa, produzida há milhões de anos, por alternativas baseadas na biomassa produzida no presente, resulta em emissões líquidas de carbono muito baixas, neutras ou até mesmo negativas. Acontece que, para avançar no processo de desfossilização da economia, o mundo precisará de volumes massivos de biomassa produzidos de forma segura e sustentável.

Para enfrentar esse desafio, é essencial investir em práticas agrícolas e florestais sustentáveis, que incluam o manejo responsável dos solos e dos recursos hídricos, a rotação de culturas e a integração de árvores nos sistemas produtivos. Essas práticas não apenas aumentam a produção de biomassa, mas também melhoram a saúde do solo, conservam recursos escassos, como água e nutrientes, e promovem a biodiversidade.

Outra estratégia importante é o

aproveitamento de resíduos agrícolas e florestais, bem como de resíduos urbanos e industriais, para a produção de energia e bioprodutos. Isso evita a acumulação de resíduos poluentes e transforma subprodutos em recursos valiosos, fechando o ciclo de materiais em uma economia circular. Além disso, a biotecnologia pode ajudar a desenvolver cultivos energéticos de alta eficiência e microrganismos capazes de converter biomassa em bioprodutos de maneira mais eficiente.

O desenvolvimento de tecnologias avançadas de conversão da biomassa é fundamental para maximizar a eficiência da produção de biocombustíveis, biogás, bioeletricidade e outros bioprodutos de forma mais limpa e eficiente. Por isso, é crucial estabelecer políticas públicas e incentivos que promovam a produção e o uso sustentável da biomassa, incluindo estímulos para agricultores e produtores de biomassa sustentável, investimentos em pesquisa e desenvolvimento e a criação de mercados regulados para biocombustíveis e bioprodutos.

Além disso, será necessário desenvolver novas fontes para diversificar a produção de biomassa, evitando a concentração em poucas alternativas, em competição com outros usos, como a produção de alimentos. A domesticação de novas espécies e a adaptação de espécies a novos ambientes podem ser caminhos promissores. Exemplos incluem a domesticação de novas espécies e a tropicalização de cultivos, iniciativas já abraçadas pela Embrapa para aumentar a disponibilidade de biomassa de forma sustentável e diversificada.

Ao combinar essas abordagens, podemos garantir que a biomassa desempenhe um papel central na transição para uma economia em equilíbrio com a natureza, ajudando o mundo a enfrentar o desafio da

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Lixo: um problema sempre atual

Um fato que ninguém pode negar é que a humanidade evoluiu bastante ao longo dos séculos, em todas as áreas do conhecimento, principalmente após a chamada Revolução Industrial, quando passou a substituir a força humana, pela força das máquinas. Com isso, multiplicou a produção, encurtou distâncias, transferindo boa parte da população do campo para as cidades.

Nenhuma outra revolução foi capaz de trazer tanto dinamismo e transformação no modo de como as pessoas se relacionavam com o planeta. Infelizmente, o progresso trazido pela introdução das máquinas no cotidiano humano se mostrou, ao longo dos séculos, incapaz de resolver alguns problemas provocados pelo fenômeno da superprodução e do excesso de bens de consumo, descartados como lixo. É possível verificar que muitas comunidades rurais, distantes dos centros urbanos, ainda hoje sabem muito bem como lidar com o excesso de produtos e com os resíduos para descartar.

Restos de comida vão para as galinhas, para os porcos ou para as composteiras para virarem adubos. Roupas usadas vão para os menores ou viram pano de chão e, assim por diante, nada é desperdiçado. Nesses locais, a produção de lixo é ínfima, existindo uma espécie de economia circular, com consumo moderado com um máximo de reaproveitamento dos bens.

O homem urbano atual, no entanto, parece ter esquecido dessas lições, vindas do passado, produzindo cada vez mais e consumindo como nunca. Com isso, produz também uma quantidade espantosa de lixo diariamente. Cada brasileiro produz, em média, 1 kg de lixo. Ao fim de um ano, cada brasileiro terá produzido cerca de 343 quilos de lixo. Multiplicando essa quantidade de resíduos pelo número de habitantes em nosso país — 218 milhões —, temos, por dia, somente se referindo à produção individual, temos 218 milhões de quilos ou 218 mil toneladas de lixo. Ao fim de um ano, a população brasileira terá produzido 74.774.000 toneladas de lixo.

No Brasil, atualmente, são cerca de 3 mil lixões e aterros a céu aberto. A promessa é de acabar com essas montanhas de lixo, incrivelmente poluentes, conforme estabelecido pelo Plano Nacional de Resíduos Sólidos (Planares) ficou no papel. O problema é que elas estão presentes em todas as regiões do país, muitas delas, cerca de 39% depositadas em áreas inadequadas do ponto de vista ecológico. Isso significa que estão poluindo os cursos d'água superficiais e subterrâneos, contaminando o solo e envenenando homens e animais.

Mais de 30 milhões de toneladas de lixo vão parar nos aterros improvisados que não param de crescer. No mundo, a produção atual de lixo está em torno de 2,1 bilhões de toneladas, podendo atingir a marca de 3,8 bilhões de toneladas em 2050, uma marca impossível de ser suportada pelo planeta.

Apesar de todos os problemas causados pela superprodução de resíduos sólidos, a quantidade de lixo em todo o planeta continua a aumentar. A questão é que a reciclagem de resíduos sólidos em nosso país e no restante do mundo ainda é muito pequena, e não resolve uma das maiores dores de cabeça para aqueles que pensam em gestão de cidades.

Em 2050, o Brasil, a continuar sem uma política adequada de coleta e destinação de lixo, estará gerando cerca de 120 milhões de toneladas de resíduos sólidos, o que é uma quantidade bem acima dos padrões mínimos aceitáveis. O problema é tão sério mundo afora, que existem países exportando boa parte de seu lixo para outros cantos do mundo, em troca de pagamento para cada tonelada aceita. Essa situação escala para a catástrofe quando se verifica que cerca de 2,7 bilhões de pessoas em todo o mundo não têm acesso aos serviços básicos de limpeza urbana e coleta de lixo.

Em nosso país, uma a cada 10 pessoas não dispõem desses serviços, descartando os resíduos sólidos na beira dos cursos de água ou em áreas impróprias. Quanto mais produção, mais consumo e mais lixo. O que se sabe é que a humanidade está rapidamente alcançando um ponto máximo e extremo na produção de lixo. A partir desse patamar, teremos que passar a viver literalmente sobre o lixo e em função dele.

» A frase que foi pronunciada

“Deve ser o nosso jeito de sobreviver — não comendo lixo concreto, mas engolindo esse lixo moral e fingindo que está tudo bem.”

Lya Luft

» História de Brasília

O regime parlamentarista trouxe isto: ontem, foi protestado nesta praça, um título do “Comitê Volte JK 65”....
(Publicada em 11/4/1962)